

António Joaquim Ribeiro – o primeiro informante de Schuchardt em Cabo Verde

Jürgen Lang

Universität Erlangen-Nürnberg

Este estudo debruça-se sobre sete cartas enviadas por António Joaquim Ribeiro a Hugo Schuchardt, entre 1881 e 1883, nas quais fornece informação acerca do dialeto crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde) – cartas previamente publicadas pela linguista portuguesa Nélia Alexandre e pelo autor na página web do *Hugo Schuchardt Archiv* de Graz, Áustria. O artigo aborda a identidade de António Joaquim Ribeiro, os tipos de materiais que enviou a Schuchardt, a razão pela qual a correspondência entre Schuchardt e Ribeiro parou abruptamente em Janeiro de 1883, e ainda que informação valiosa sobre o estado da variedade de Santiago do crioulo caboverdiano é possível extrair das cartas e materiais de Ribeiro. Com respeito à última questão, defende-se que, por qualquer métrica disponível para o autor, Ribeiro parece ter tido um excelente domínio do crioulo de Santiago e que, por isso, devemos interpretar eventuais discrepâncias entre o que escreveu e o que agora sabemos sobre a variedade de Santiago como indicações de mudança linguística e não como erros, avançando exemplos ilustrativos que sustentam esta linha de argumentação.

Palavras-chave: António Joaquim Ribeiro, Hugo Schuchardt, António de Paula Brito, Joaquim Vieira Botelho da Costa, Custódio José Duarte, Crioulo caboverdiano, variedade de Santiago.

Em Janeiro de 2016 transcrevi no *Hugo Schuchardt Archiv (HSA)* de Graz as cartas que António Joaquim Ribeiro dirigiu a Hugo Schuchardt entre 1881 e 1883. As minhas transcrições foram cuidadosamente revistas por Nélia Alexandre e postas à disposição do público no site do *Hugo Schuchardt Archiv*.¹ Neste artigo, tencionarei responder às seguintes perguntas relativamente a esse António Joaquim Ribeiro, primeiro informante de Schuchardt em Cabo Verde:

1. Quem foi António Joaquim Ribeiro?
2. Que materiais enviou a Schuchardt?

¹ <http://schuchardt.uni-graz.at/korrespondenz/briefe/korrespondenzpartner/alle/1014/briefe/jahr/alle/>

3. Porque cessaram os contactos entre Schuchardt e Ribeiro abrupta e definitivamente em Janeiro de 1883?
4. Que informações de interesse sobre o crioulo de Santiago devemos a António Joaquim Ribeiro?

1. Quem foi António Joaquim Ribeiro?

No dia 7 de Janeiro de 1883, na última carta que o *Hugo Schuchardt Archiv* de Graz conserva dele, António Joaquim Ribeiro escreve a Hugo Schuchardt: “Pergunta-me aonde nasci?- Sou natural de Portugal; nasci na Beira-baixa, mas vivo aqui á mais de 20 annos; vim para cá, ainda criança” (p. 3).

Trata-se portanto, como nos casos de António de Paula Brito, Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte, aos quais terei ocasião de me referir mais adiante, de uma pessoa vinda do reino, mas que elegeu Cabo Verde como residência duradoira, sem perder nunca os contactos com a metrópole. Aliás, a primeira carta de Ribeiro, datada —salvo erro de leitura da nossa parte— de 15 de Fevereiro de 1881, chega a Schuchardt, contrariamente a todas as restantes, remetidas na Praia, desde Lisboa, “onde vim —diz o remetente— para tratar dos meus negocios” (p. 1). Alguns dos exemplos em crioulo que Ribeiro fornece a Schuchardt sugerem que estes negócios eram de tipo comercial.

Em vista das modestas dimensões da Praia daquela época, que apenas ultrapassava o Platô, não seria de estranhar que o nosso homem, assíduo remetente de cartas, conhecesse pessoalmente a António de Paula Brito, diretor de correio na mesma cidade e autor dos famosos *Apontamentos para a Gramática do Crioulo que se Fala na Ilha de Santiago de Cabo Verde* (Brito 1887/1967), além de uns *Subsidios para a geografia da Ilha de São Tiago de Cabo Verde* (Brito 1890). Há dois indícios que sugerem que fosse efetivamente assim. Na terceira carta de Ribeiro, datada de 15 de Julho de 1882, Ribeiro informa:

Tenho combinado com um amigo meu, escrever-mos uma grammatica creoula; se o conseguir-mos o que não será muito fácil, por que os nossos afazeres poucos momentos nos deixam para trabalho tão momentozo, e arduo, darei parte ao amigo, enviando-lhe alguns trechos, para lhe servirem, caso vão a tempo (p. 7).

E na terceira carta em crioulo santiaguense que publicara Adolfo Coelho em 1880 nos seus *Dialectos Neo-Latinos ...* lê-se: “Quen qui costumá tanbê recital [refere-se aos versos de uma tal doida de Albano] ê Brito e mas Quinquim”

traduzido ali mesmo por ‘Quem aqui também costuma recitá-los é Brito e mais Joaquim’ (cf. Coelho 1880 em Morais Barbosa 1967: 10).

A não ser que naqueles anos meia Praia projetasse escrever gramáticas do crioulo e se chamasse Joaquim, estes Brito e Quimquim são António de Paula Brito e António Joaquim Ribeiro.

Ribeiro dominava o francês ao ponto de comprometer-se a traduzir um texto de Schuchardt em francês, se este se animasse a traduzi-lo primeiro do alemão ao português!² Os seus conhecimentos de inglês seriam muito inferiores. Descreve a pronúncia da africada palatal sonora do santiaguense [ʃ] invocando a consoante inicial do nome *John*. Mas escreve este nome *Jhon*. Daí, certamente, que use o dígrafo *jh* para este som, sempre que escreve em crioulo. António de Paula Brito adotará a mesma convenção, facto que não passou despercebido a Schuchardt (cf. Schuchardt 1889: 453) e reforça a suposição da existência de uma ligação entre os dois praienses.

É pouco provável que um homem que passou os melhores anos da sua vida na Praia não deixasse nela alguma descendência. Graças ao meu amigo Tomé Varela, sei de um Joaquim Avelino Ribeiro, bem conhecido na segunda metade do século passado nos meios deportistas da Praia. Poderia ter sido sobrinho-neto do nosso António Joaquim Ribeiro, mas seria interessante encontrar descendentes vivos.

2. Que materiais enviou Ribeiro a Schuchardt?

A correspondência Schuchardt-Ribeiro durou apenas dois anos —de 15 de Fevereiro de 1881 (salvo erro de leitura) até 7 de Janeiro de 1883—, mas foi intensa. O *Hugo Schuchardt Archiv* de Graz conserva as cartas de Ribeiro, mas desconhece-se o paradeiro das cartas de Schuchardt. No período em questão, Schuchardt escreveu pelo menos cinco cartas e dois postais a Ribeiro e Ribeiro respondeu mandando ao todo sete cartas. Schuchardt juntou duas vezes um presente às suas cartas, primeiro um romance francês e duas fotos de lugares pitorescos da Áustria (em 19 de Abril ou em 28 de Maio de 1882) e mais tarde um exemplar do seu ensaio *Ueber das Negerportugiesische von S. Thomé* (em 19 ou em 28 de Novembro do mesmo ano). Mais emocionante para nós: uma das duas últimas cartas de Schuchardt estava escrita ou ia pelo menos acompanhada dum carta redigida em crioulo santiaguense pelo

² A oferta refere-se ao nº I dos *Kreolische Studien: Ueber das Negerportugiesische von S. Thomé (Westafrika)*, de 1882 (cf. Schuchardt 1882)

próprio Schuchardt! Ribeiro leria esta carta “com admiração [sic]” (7ª carta, de 7 de Janeiro de 1883, p. 3) e juntaria uma lista de correções à sua resposta. Não temos a carta crioula de Schuchardt, mas o *Hugo Schuchardt Archiv* conserva a lista de correções de Ribeiro.

Junto com as cartas de Ribeiro, viajavam numerosos materiais linguísticos e etnográficos a Graz, alguns dos quais Schuchardt publicaria e comentaria em 1888 como nº III. *Zum Negerportugiesischen der Kapverden* dos seus *Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch* (cf. Schuchardt 1888c). Penso que vale a pena apresentar uma lista de todos os materiais enviados por Ribeiro:

Junto com a segunda carta, datada de 28 de fevereiro de 1882, Schuchardt recebeu:

- A ‘escena-cómica’ em crioulo santiaguense intitulada *Â mi qué bóde!*, da autoria do próprio Ribeiro (publicada em Schuchardt 1888c: 313/314), e
- “um pequeno vocabulário das phrases mais triviaes” (conserva-se no *Hugo Schuchardt Archiv* um vocabulário bilingue crioulo-português de 39 palavras e uma conversa que consta de 13 frases crioulas com a sua tradução portuguesa, cf. HSA [11.23.10.1]).

Junto com a terceira carta, de 15 de julho de 1882, vieram:

- “um exemplar da *Senegambia Portugueza*, escripta por um amigo meu,…” (que não encontrei no *Hugo Schuchardt Archiv*) e
- “uns adagios que me lembram de prompto” (publicados em Schuchardt 1888c: 316).

Junto com a quarta carta, de 1 de Outubro de 1882, chegou:

- “a tradução em creoulo Caboverdiano, da parábola bíblica ‘O filho prodigo’” levada a cabo pelo próprio Ribeiro (publicada em Schuchardt 1888c: 315).

Entre a terceira e a quarta carta, Ribeiro já tinha mandado:

- “umas fotografias de negros da Guiné” que se conservam no *Hugo Schuchardt Archiv*.
- As “cantigas (coplas) das mais triviaes nos batuques” que, na altura da terceira carta, Ribeiro já tinha pedido a um amigo, mas ainda não recebido,

poderiam corresponder às três brevíssimas *Hochzeitlieder* publicadas por Schuchardt em 1888 (cf. Schuchardt 1888c: 316).

Finalmente, Schuchardt encontraria, anexada à última carta de Ribeiro, de 7 de Janeiro de 1883, a lista de faltas cometidas por Schuchardt na sua carta crioula, corrigidas por Ribeiro, e umas observações de Ribeiro a respeito da sua versão crioula da parábola do filho pródigo, que seguramente respondem a pedidos de explicação de Schuchardt.

Outros projetos concebidos por Ribeiro não prosperaram. Na terceira carta, Ribeiro informa que abandonou a ideia de redigir “uma especie de guia de Conversação” que havia anunciado desde a primeira carta (cf. 1ª carta, de 15 de Fevereiro de 1881, p. 1), pois “[q]uanto ao guia portuguez-creoulo, é difficil emquanto não houver uma grammatica” (3ª carta, de 15 de Julho de 1882, p. 7). Já vimos que seria António de Paula Brito só que escreveria essa gramática, cuja redação, junto com um amigo, Ribeiro projetara, à altura da terceira carta. Ainda na última carta, Ribeiro anuncia que “[a]proveitando o seu conselho, vou escrever um artigo sobre usos, indole e lingua dos filhos d’esta ilha, e envia-o-hei para a sociedade de ‘Geographia’ d’onde tambem m’o pedem, e mandarei n’essa occasião uma cópia ao amigo” (7ª carta, de 7 de Janeiro de 1883, p. 3). Não encontrei tal artigo, nem no *Hugo Schuchardt Archiv*, nem no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Mais uma vez, será António de Paula Brito que realizará um projeto pelo menos afim a este, ao publicar, em 1889, os seus *Subsidios para a geografia da Ilha de S. Thiago de Cabo Verde* no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* (cf. Brito 1890).

Menciono de passo que Ribeiro se esforçou ainda por ser útil indicando ao amigo pessoas que lhe poderiam servir de informantes noutras províncias e chamando a sua atenção para o *Almanach de Lembranças Luzo-Brasileiro*, onde apareciam de vez em quando artigos sobre os costumes de Cabo Verde, alguns da autoria do próprio Ribeiro.

3. Porque cessaram os contactos entre Schuchardt e Ribeiro abrupta e definitivamente em Janeiro de 1883?

Do teor da última carta de Ribeiro, depreende-se sem sombra de dúvida que Ribeiro queria continuar o intercâmbio. Há mais: expressa explicitamente o seu desejo de estreitar ainda mais as relações com o ‘amigo’ de Graz. Mas parece muito provável que esta carta de 7 de Janeiro de 1883 ficasse sem

resposta. É impossível conhecer ao certo as razões do silêncio de Schuchardt. Não por falta de motivos imagináveis, antes pela sua abundância e disparidade.

Pessoalmente, quero acreditar que o repentino silêncio de Schuchardt se deva principalmente ao facto de ele ter encontrado, justo naquele momento, outro correspondente em Cabo Verde, presumivelmente ainda mais informativo: trata-se do mindelense Joaquim Vieira Botelho da Costa (*1824 Lisboa, † 1898 Mindelo), que, em 1872, tinha passado de empregado de alfândega a administrador do concelho do Mindelo, função que exerceria ininterruptamente até 1893. Um ano antes, Schuchardt tinha recebido uma carta do médico-poeta Custódio José Duarte (*1841 Vila Real, Portugal, † 1893 Mindelo), amigo íntimo de Botelho da Costa, onde Duarte prometera mobilizar alguns amigos mais familiarizados com o crioulo que ele próprio, que, como dizia, não falava crioulo apesar de viver havia mais de quinze anos na província. No decorrer do mesmo ano de 1882, Schuchardt tinha tropeçado em dois artigos de Botelho da Costa no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* (cf. Costa 1882), o que o levava a dirigir-se pessoalmente ao seu autor. A resposta de Botelho da Costa data de 12 de Janeiro de 1883. Quer dizer, escreveu-a apenas cinco dias depois de Ribeiro ter escrito a sua última carta. É altamente provável que a de Botelho da Costa chegasse antes da de Ribeiro, graças à excelente comunicação do Mindelo com a Europa através do seu Porto Grande.

A primeira carta de Botelho da Costa resultava muito mais informativa, desde o ponto de vista linguístico, que as últimas cartas de Ribeiro. E, de facto, as esperanças que Schuchardt depositava no novo informante não foram desiludidas: apenas ano e meio depois, em 6 de Agosto de 1884, os dois amigos mindelenses, Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio Duarte, enviariam a Schuchardt uma primeira versão manuscrita dos seus *Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt*, que só no volume que corresponde ao ano de 1886 seriam publicados no mencionado *Boletim*. Este novo contacto pode ter diminuído o interesse de Schuchardt pela correspondência com Ribeiro.

Mas não devo ocultar alguns outros motivos que poderiam explicar a atitude de Schuchardt.

Primeiro, teria sido tarefa delicada recusar a oferta de Ribeiro, transmitida na sua última carta, de verter para o francês uma versão portuguesa do ensaio de Schuchardt sobre o crioulo de São Tomé, que o seu autor teria primeiro de produzir (cf. 7^a carta, de 7 de Janeiro de 1883, pp. 1/2).

Segundo: Cada um dos correspondentes tinha conseguido fazer ao outro sócio da sociedade científica de que fazia parte. Assim, Ribeiro passou a ser sócio da *Sociedade de Etnografia de Graz* e Schuchardt da *Associação de Jornalistas e Escritores portugueses*. Na sexta carta, de 16 de Novembro de 1882, Ribeiro, que, segundo as suas palavras, estava a ponto de ingressar na *Sociedade de Geografia de Lisboa*, oferece-se a propor também Schuchardt como sócio —o que, na altura da última carta, já será— pedindo porém ao mesmo tempo que Schuchardt tentasse obter a condição de sócio da Sociedade de Graz para o seu amigo Henrique Campan Garcia Torres, membro da *Sociedade de Geografia de Lisboa*.

Terceiro: Desde a quarta carta, de 1 de Outubro de 1882, Ribeiro vinha pedindo a Schuchardt para que o ajudasse a obter o título de cônsul honorário ou agente consular da Áustria na Praia. Acrescento que, segundo me comunicou o *Oesterreichisches Staatsarchiv* com data de 18 de Fevereiro de 2016, Ribeiro nunca passou a ser cônsul de Áustria, título que, segundo a mesma fonte, ostentava já em 1883 e conservaria até 1890 Custódio José Duarte em São Vicente.

Resumindo: Não creio que Schuchardt gostasse da perspectiva de prestar este tipo de serviços aos seus numerosos correspondentes. Em vista de tais oferecimentos e pedidos, o facto de Ribeiro pedir logo no início da sua última carta a “licença para banir de entre nós, o cerimonioso tratamento de *Excellencia*” (7ª carta do 07-01-1883, p. 1) e mais adiante ainda “um retrato” do amigo (p. 4) talvez resultasse ligeiramente preocupante para o erudito de Graz.

4. Que informações de interesse sobre o crioulo de Santiago devemos a Ribeiro?

O que precede não pretende ridicularizar nenhum dos dois correspondentes, mas chamar a atenção para um provável desencontro de interesses e temperamentos. O monómano de línguas Hugo Schuchardt ia ávido de informações a respeito do crioulo caboverdiano. Talvez pensasse até fazer um favor a Ribeiro deixando-o contribuir para o progresso da ciência. Pelo contrário, o comerciante António Joaquim Ribeiro consideraria a troca de bens a coisa mais normal do mundo. E pensaria, com alguma razão, que estava a fornecer mercadoria de alta qualidade que merecia alguma contraprestação.

Só que Schuchardt ainda não estava em condições de avaliar no seu justo valor os contributos de Ribeiro. Em certo sentido, nunca o estaria, como

também não saberá apreciar mais tarde no seu justo valor os *Apontamentos* de Paula Brito. É certo que, na sua resenha dos *Apontamentos*, começa por concordar com Coelho, segundo o qual “devem ser estudados separadamente os dialectos [refere-se às variedades do crioulo caboverdiano] e depois comparados” (Schuchardt, Resenha dos *Apontamentos* de Paula Brito 1889: 453). Mas atrevo-me a afirmar que se tratava de uma concordância da boca para fora. Schuchardt foi, em todos os momentos, um comparatista inveterado. Não publicou nenhuma gramática abrangente de nenhuma das línguas que estudou com tanta dedicação e, como tantos colegas do seu tempo, consideraria a descrição rigorosamente sincrónica que se limita a uma variedade sintópica, sinstrática e sinfásica de uma língua tarefa de gramáticos indigna de cientistas.

Eis uma das razões da predileção de Schuchardt pelo *Estudo* de Botelho de Costa e Custódio Duarte, que pretende dar conta de todas as variedades do crioulo caboverdiano numa só monografia. E eis aqui também uma das razões da urgência de recuperar hoje a memória de Ribeiro e de Paula Brito.

De facto, a qualidade da mercadoria fornecida por Ribeiro era desigual. Era, regra geral, bastante má quando Ribeiro se arriscava a explicar usos linguísticos³ mas era ótima quando redigia textos em crioulo. Para comprovar que Ribeiro dominava muito bem o crioulo de Santiago, será suficiente reproduzir as suas traduções crioulas de uma série de formas verbais do português, certamente estipuladas por Schuchardt:

Eu jurei (1.ª pessoa do pretérito perfeito)	diz-se	en jurâ
Eu tinha jurado	“	en jurába
Eu ja tinha jurado	“	jhan jurába
jura (imperativo)	“	jurâ
Eu digo	diz-se	en tâ flâ
Eu posso	“	en pôdê não tem o <u>tâ</u>
Eu agarro	“	en tâ pêga
Eu agarrei	“	en pega
Eu agarrei-o	“	en pêgal
Eu me sento	“	en tâ xinta
Eu sentei-me	diz-se	en xinta
(Queira notar que é xinta e não xinto)		
Eu vou	diz-se	en tâ bai
Eu vou-me já	“	en sâ tâ bai

³ Para justificar este juízo negativo, será suficiente citar o seguinte trecho da terceira carta: “Entre tenba e teneba ha alguma differença 'n tenba, é o preterito perfeito = eu tive; 'n teneba, é o preterito imperfeito = eu tinha” (3ª carta, de 15 de Julho de 1882, p. 4).

Eu seria	“	<u>en tâ serba</u> ou <u>en al serba</u>
Eu fui ver	“	en bâ ojhaba
Eu fui fazer	“	en bâ fazeba

(1ª carta, de 15 de Janeiro de 1881, pp. 2/3)

Tendo em conta as convenções ortográficas de Ribeiro, constatamos que o aprumo destas traduções contrasta com os erros no paradigma verbal que um informante anónimo fornecera a Adolfo Coelho, e onde encontramos, por exemplo:

- *eu* [sic] *ten sido*

- *ês ten de ser* traduzido por ‘Eles seriam’ (cf. Coelho 1880 em Morais Barbosa 1967: 18/19).

Aliás, ao corrigir *xinto* em *xinta*, Ribeiro não corrige Schuchardt mas Coelho, onde Schuchardt tinha encontrado esse *xinto* (cf. Coelho 1880 em Morais-Barbosa 1967: 21). Concluo que o informante de Coelho não foi Ribeiro e que convém desconfiar da revisão dos *Apontamentos* de Paula Brito levada a cabo por Coelho. Tão fidedigno é o crioulo de Ribeiro que convém perguntar-se se não foi a língua que mudou, quando o seu crioulo se afasta do uso atual.

Um caso espetacular, neste sentido, manifesta-se nas seguintes palavras de Ribeiro: “Os pretos dizem indistintamente **mâ** e **mó**: mas usam mais o **mó** no tratamento intimo de **tu**; ex: **ma nho pássâ?** como passa: - **mó bo pássâ?**, como pássas” (3ª carta, de 15 de Julho de 1882, pp. 3/4). Schuchardt deriva *mó* e *modi* de *modo di* e declara “*mâ* ist = *cumâ* (*como*)” (cf. Schuchardt 1888c: 318, nota 17). Na minha contribuição sobre *Os complementizers derivados do português antigo coma ‘como’ nos crioulos portugueses da Alta Guiné*, tinha concluído, sem conhecer ainda os manuscritos crioulos de Ribeiro, que o *ma* santiaguense, hoje simples ‘complementizer’, tinha que ter funcionado também como partícula modal, numa fase anterior da língua (cf. Lang 2015: 6). Pois aí está o *ma* ‘como’, redução de um *koma*, *kuma* ‘como’ que, aliás, também se encontra em Ribeiro, a saber, na sua versão da parábola do filho pródigo em santiaguense: “[...]; *e comâ un pai câ tâ pode disprezia si fijo* [...] *ê córé, ê bá barçal*, [...]” (cf. Schuchardt 1988: 315, 20). De resto, estas citações mostram até que ponto Ribeiro, em vez de escrever um crioulo aporuguesado, escreve um português acrioulado. Traduz *ma nho pásâ* por *como passa?*, querendo certamente significar ‘como passou’ ou ‘como tem passado?’, e *mó bo pássâ?* por *como pássas?*, querendo dizer ‘como passaste, como tens passado?’

O pronome pessoal tónico da primeira pessoa do plural constitui outro caso deste tipo. Hoje em dia pronuncia-se *nos* ['nos] ou *anos* [ɐ'nos], mas na versão da parábola do filho pródigo de Ribeiro leva um acento agudo (cf. Schuchardt 1888c: 315) a indicar a qualidade aberta da vogal, como o próprio Ribeiro aclara (2ª carta, de 28 de Fevereiro de 1882, p. 3; 3ª carta, de 15 de Julho de 1882, p. 2). Também Paula Brito escreve *a nós*, *ku-nós*, *di-nós* – ao contrário do que acontece na versão santiaguense da parábola impressa por Costa/Duarte (cf. Costa/Duarte 1886 em Morais-Barbosa 1967: 309/310). Lembremos que o predecessor português tem [ɔ] aberto e que a vogal do pronome continua aberta até hoje na vizinha ilha do Fogo (cf. Lang 2012: quadros 3 e 6; Tavares Lopes 2014: 3.4.1). Em 1880, o pronome pessoal tónico da primeira pessoa do plural pronunciava-se pois ainda *nós* ['nɔs], *anós* [ɐ'nɔs], em Santiago. É possível que paralelamente já existisse a forma mais moderna *nos*, *anos*, que rima com o pronome pessoal tónico da segunda pessoa do plural *nhos*, *anhos*, como sugere o *Estudo* de Costa/Duarte. Mas Costa e Duarte viviam no Mindelo, ao passo que Ribeiro e Paula Brito viviam na Praia.

Noutros casos, o crioulo de Ribeiro mostra que certas mudanças que poderíamos ser tentados a considerar recentes já tinham ocorrido nos anos oitenta do séc. XIX.

Eis um exemplo interessante. Nos *Kreolische Studien I*, Schuchardt observa, referindo-se à primeira carta de Ribeiro (tradução de J. L.): “Se Ribeiro me escreve que ‘eu tenho-lhe feito falta’ se diz: *en stâ ta fazel falta*, gostava de corrigir ‘eu estava-lhe fazendo falta’ [se diz]: *en staba tâ fazel falta*”.⁴ Mas, de facto, Ribeiro tinha escrito o seguinte: “Eu tenho-lhe feito falta diz-se *en stâ tâ fazel falta* = *En sâ tâ fazel falta* é eu façõ-lhe falta ou eu eu [sic] estou-lhe fazendo falta...” (1ª carta, de 15 de Fevereiro de 1881, p. 3). Os exemplos de Ribeiro são corretos, pois distingue claramente entre o acento circunflexo e o traço horizontal sobreposto, sendo que o traço horizontal indica —de novo como em Paula Brito— a pronúncia prolongada da vogal. O *En stâ tâ fazel falta* de Ribeiro representa pois o atual *N stá'a ta faze-l fálta*. Deduzimos daí que a queda do *-b-* intervocálico já se dava em 1881, não apenas em Santo Antão, como Schuchardt deduziria pouco depois do *Estudo* de Costa/Duarte, mas também em Santiago. E não ocorria apenas no anterior, pois na sua terceira carta, Ribeiro documenta-a em posição inicial de palavra

⁴ No original: “Wenn Ribeiro mir schreibt, ‘eu tenho-lhe feito falta’ heisse: *en stâ tâ fazel falta*, so möchte ich corrigieren: ‘eu estava lhe fazendo falta’: *en staba tâ fazel falta*” (Schuchardt 1882: 911).

após palavra que termina em vogal, ao comentar o “[c] ’ó quim ten li - quando voltar” da sua escena-cómica da forma seguinte: “ten li, é abreviatura uzada na conversa de ta ben li, [...]” (3ª carta, de 15 de Julho de 1882, p. 5), ‘abreviatura’ que continua em pleno vigor no santiaguense atual.

Finalmente, gostaria de salientar uma decisão solitária e muito coerente de Ribeiro relativamente à escrita do caboverdiano, que antecipa outra adotada pelo famoso colóquio do Mindelo de 1979, indo porém ainda mais longe. Trata-se do problema da representação gráfica do pronome pessoal átono da primeira pessoa do singular, problema intimamente relacionado com o problema geral do funcionamento da nasalidade no crioulo caboverdiano e da sua representação na escrita (cf. Lang 1999). Apresento três passagens da terceira carta de Ribeiro, de 15 de Julho de 1882, que depois comentarei:

1. Ribeiro começa dizendo “quere-me parecer que [...], aonde eu tinha escripto en ou un ta sêrba, se deve antes escrever como agora fiz ’n ta serba, visto que o en, é todo nazal, e se pronuncia com a boca fechada” (p. 3).
2. Mais adiante, escreve, referindo-se certamente ao que atualmente se escreve (*E*) *fla-m*, “Flan ou Flam, é uma e a mesma couza, mas eu opto mais por **Flan**, e se escrevi d’outra fôrma, foi por lapso” (p. 3).
3. Finalmente volta a insistir “Em en ou un, como já disse, melhor será escrever ’n visto a pronuncia á bocca fechada” (p. 3/4).

Depois de alguma hesitação, Ribeiro decide, pois, explicitamente representar o pronome em questão por um simples *n* nos dois contextos onde ocorre com maior frequência, isto é, em posição proclítica, diante de partícula ou verbo que começa por consoante, e em posição enclítica depois de um verbo que termina por vogal. No primeiro caso, separa o pronome precedido de apóstrofo da palavra seguinte, no segundo junta-o diretamente ao verbo precedente. Porque adotou uma solução tão radical?

De facto, a pronúncia deste pronome é bilabial, labiodental, dental, palatal ou velar (= [m], [m̥], [n], [ɲ] ou [ŋ]), conforme o ponto de articulação da consoante inicial da palavra subsequente. Antes de pausa, não é nem bilabial, nem dental: é certo que, nesta última posição, se ouve frequentemente um [ŋ] velar, mas o imprescindível é que a vogal final do verbo precedente se torne nasalizada. Quer dizer: diante de consoante inicial, o pronome manifesta-se tornando esta consoante pré-nasalizada, e após vogal final manifesta-se tornando esta vogal nasalizada. Tudo isto se dá perfeitamente com o facto de, a nível fonológico, uma transição silábica do tipo V|C só

poder ser, em santiaguense, ou globalmente oral ou globalmente nasal, como aponteí por primeira vez em Lang (1999).

A nível fonológico, o significante do pronome pessoal átono da primeira pessoa não é pois um fonema, mas apenas um traço distintivo: o da nasalidade (cf. de novo Lang 1999). A este nível, o significante do pronome é efetivamente “tudo nasal”, como diz Ribeiro, e apenas isso. A sua representação invariável por (')*n* em Ribeiro faz jus a este facto.

Vemos uma vez mais que os falantes nativos de uma língua e os que, como Ribeiro, chegam a dominá-la quase como se o fossem, adquirem simultaneamente com essa língua o saber intuitivo, inconsciente, da sua fonologia. Um saber que pode tornar-se semiconsciente quando estes falantes inventam uma escrita para a sua língua. Mas é um saber que os linguistas da época, incluindo os seus grandes foneticistas, ainda não sabiam reconstruir e evidenciar.

5. Conclusão

O relativo esquecimento em que caiu Ribeiro, em comparação com António de Paula Brito e sobretudo com Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte, dever-se-á, em primeiro lugar, ao facto de Ribeiro não ter publicado nada em ou sobre o crioulo de Santiago no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Os poucos textos da sua autoria publicados por Schuchardt numa revista austríaca, e ainda por cima em lugar bastante escondido (cf. Schuchardt 1888c), não puderam compensar este defeito. Mas este esquecimento dever-se-á também ao facto de Schuchardt se ter interessado mais pela origem e variação dos crioulos do que pelo funcionamento sistemático dum deles. Porém, é preciso admitir que, para quem se interessa hoje pelo funcionamento de uma das variedades do crioulo caboverdiano no fim do séc. XIX, os dois Antónios santiaguenses são de maior utilidade que os seus colegas mindelenses. Deveríamos aproveitar ao máximo os seus textos, publicados e manuscritos, para chegar a um conhecimento profundo do estado linguístico do crioulo santiaguense daquela época e da sua evolução desde então até hoje.

Referencias bibliográficas

Fontes manuscritas:

- Cartas de António Joaquim Ribeiro dirigidas a Hugo Schuchardt (Hugo Schuchardt Archiv, Graz) <<http://schuchardt.uni-graz.at/id/person/2512>>
- Carta de Custódio José Duarte dirigida a Hugo Schuchardt (Hugo Schuchardt Archiv, Graz) <<http://schuchardt.uni-graz.at/id/person/1420>>
- Cartas de Joaquim Vieira Botelho da Costa dirigidas a Hugo Schuchardt (Hugo Schuchardt Archiv, Graz) <<http://schuchardt.uni-graz.at/id/person/1420>>
- Manuscrito de Hugo Schuchardt sobre o verbo caboverdiano (Hugo Schuchardt Archiv, Graz).

Transcrições de fontes manuscritas:

- Alexandre, Nélia & Jürgen Lang. 2016. “Die Korrespondenz zwischen António J. Ribeiro und Hugo Schuchardt”. Em Bernhard Hurch (Hg.) (2007-). *Hugo Schuchardt Archiv*. Edição online: <http://schuchardt.uni-graz.at/korrespondenz/briefe/korrespondenzpartner/alle/1014>.

Obras impressas:

- Brito, António de Paula. 1887 [1967]. Dialectos crioulos-portuguezes. Apontamentos para a gramática do crioulo que se Fala na ilha de Santiago de Cabo Verde revistos por F. Adolfo Coelho. Reimpressão em Jorge Morais-Barbosa (1967), 329-404.
- Brito, António de Paula. 1890. *Subsídios para a geografia da ilha de São Tiago de Cabo Verde*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Coelho, Francisco Adolfo. 1880, 1882, 1886; [1967]. Os Dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América (1880); Notas complementares (1882); Novas notas complementares (1886). Reimpressão em Jorge Morais-Barbosa (1967), 1-234.
- Costa, Joaquim Vieira Botelho da. 1882. A ilha de São Vicente de Cabo Verde. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* 3ª série, no. 2 e 3.
- Costa, Joaquim Vieira Botelho da & Custódio José Duarte. 1886 [1967]. O Crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt. Reimpressão em: Morais-Barbosa, Jorge (1967), 235-328.
- Lang, Jürgen. 1999. O pronome pessoal átono da primeira pessoa do singular e a nasalidade no crioulo de Santiago (Cabo Verde). Em Klaus Zimmermann (ed.), *Linguas criollas de base lexical espanhola y portuguesa*, 17-23. Berlin: Vervuert.
- Lang, Jürgen. 2012. A filiação dos pronomes pessoais do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde), *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (RCBLPE)* 3. 20-35 (<http://www.acblpe.com/revista/volume-3-2012>).
- Lang, Jürgen. 2015. Os complementizers derivados do português antigo coma ‘como’ nos crioulos portugueses da Alta Guiné, *PAPIA* 25(2). 135-152.
- Lopes, Raimundo Tavares. 2014. Descrição isocrónica contrastiva das variedades das ilhas do Fogo e de Santiago, em: Lang, Jürgen (ed.), *A variação geográfica do crioulo caboverdiano*, Erlangen: FAU University Press (disponível online: <http://opus.uni-erlangen.de/opus/>).
- Morais-Barbosa, Jorge (ed.). 1967. *Estudos linguísticos crioulos. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Introdução e notas de Jorge Morais-Barbosa*. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.
- Schuchardt, Hugo. 1881. Resenha de C. Baissac, Étude sur le créole mauricien, 1880 e de F. Adolpho Coelho, Os dialectos românicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America, 1880. *Zeitschrift für romanische Philologie* 5. 580/581.

- Schuchardt, Hugo. 1882. Kreolische Studien I, Ueber das Negerportugiesische von S. Thomé (Westafrika). *Sitzungsberichte der philosophisch-historischen Klasse der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften (Wien)* 101. 889-917.
- Schuchardt, Hugo. 1887. Resenha de Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte, Breves estudos sobre o crêolo das ilhas de Cabo Verde, offerecidos ao dr. Hugo Schuchardt. *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie* 8. 132-141.
- Schuchardt, Hugo. 1888a. Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch I, Allgemeineres über das Negerportugiesische. *Zeitschrift für romanische Philologie* 12. 241-254.
- Schuchardt, Hugo. 1888b. Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch, II. Zum Negerportugiesischen Senegambiens. *Zeitschrift für romanische Philologie* 12. 301-312.
- Schuchardt, Hugo. 1888c. Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch, III. Zum Negerportugiesischen der Kapverden. *Zeitschrift für romanische Philologie* 12. 312-322.
- Schuchardt, Hugo. 1889. Resenha de António de Paula Brito, Dialectos crioulos-portuguezes. Apontamentos para a grammatica do crioulo que se falla na ilha de S. Thiago de Cabo Verde. *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie* 10. 452-458.